

L. President.

Dise alguma que a cultura de um povo se evolui
na proporção em que ele sabe cultivar os seus grandes
homens. Aqui temos, ^{semelhante ao homem,} para cultivar uma das maiores maravilhas
experiências de nossa nacionalidade. E em geral cabe ^{isto} a
Academia de Letras, ^{que} ^{benemerita} ^{mente} ^{antolha} ^{que} ^{tem} ^{uma}
tarefa árdua a ser ^{hoje} ^{prezada} ^{mas} ^{isto}, de desenvolver a
alma nacional em ^{todo} de um bocado.

Dise alguma que a cultura de um povo se pode
avaliar ^{a dimensão de} ^{esta} ^{parte} ^{de} ^{seus} ^{grandes} ^{homens}. Aqui temos, ^{acordado} ^o
Espírito de V. Ex., ^{que} ^{rememora} ^{os} ^{seus} ^{honras} ^e
uma das ^{suas} ^{grandes} ^{experiências} ^{de} ^{acribada}
e ^{em} ^{glória} ^{cabe} ^a ^{total} ^{inter} ^à ^{Academia} ^{Portu}
guesa de Letras, ^{instaurar} ^{benemerita} ^{os} ^{seus} ^{de}
Títulos, ^{que} ^{na} ^{uma} ^{das} ^{preocupações} ^{actuaes} ^{de}
tudo ^{para} ^{seu} ^{beneficio} ^{mas} ^{isto}, ^{que} ^{tem} ^{uma}
tarefa árdua a ser ^{hoje} ^{prezada} ^{mas} ^{isto}, de desenvolver a
situação ^{em} ^{iluminar} ^{os} ^{seus} ^{espíritos} ^{para} ^{em} ^{suas}
maiores ^{actos} ^{de} ^{inteligência}.

Em nome dos Congressistas portu-
guezes a V. Ex. ^{que} ^é ^{um} ^{diver} ^{so} ^{oposto} ^{elevado} ^{de}
nossa cultura, e ^{agradecido} ^a ^{distinção} ^{que} ^{me} ^{confere}
tudo, ^{por} ^{seu} ^{grande} ^{valor} ^{de} ^{representar}, ^{de} ^{seu} ^{grande}
reconhecimento refulgente

Em nome dos Congressistas portu-
guezes a V. Ex. e ^{apresento} ^o ^{meu} ^{respeito} ^{agradecido} ^{por} ^{distinção}
que ^{seu} ^{grande} ^{valor} ^{de} ^{representar}, ^{de} ^{seu} ^{grande}
Em nome dos Congressistas portu-
guezes a V. Ex., ^{que} ^é ^{um} ^{dos} ^{meus} ^{leitores} ^{mais} ^{de} ^{nossa}
cultura e ^{para} ^{seu} ^{grande} ^{valor} ^{de} ^{representar}, ^{de} ^{seu} ^{grande}
e ^{para} ^{seu} ^{grande} ^{valor} ^{de} ^{representar}, ^{de} ^{seu} ^{grande}
de ^{seu} ^{grande} ^{valor} ^{de} ^{representar}, ^{de} ^{seu} ^{grande}

Sua a ^{sustentação} ~~vida~~ do grande patrimônio se confunde com
 a nossa própria história, nesse longo ^{espaço} período de tem-
 pos decisivos e importantes foi a sua participação
 nos os eventos da vida nacional.

vítima ^{em} dos males injustos
 necessita de males em que com o tempo o acrobata,
 vítima se viu de repetição de um e de
 outros desprazeres de outros.

depois, vítima dos males em que com o acrobata,
~~o mesmo se repetiu mais vezes em que~~
 apertado ^{omultra} ~~o mesmo se repetiu mais vezes em que~~
 mantido ^{repetido} ~~o mesmo se repetiu mais vezes em que~~
 desisto ~~o mesmo se repetiu mais vezes em que~~
 em ^{todo} ~~o mesmo se repetiu mais vezes em que~~
 parte de ~~o mesmo se repetiu mais vezes em que~~
 parte de ~~o mesmo se repetiu mais vezes em que~~

vítima dos males
 os primeiros ^{em} ~~os primeiros~~
 grandes ^{em} ~~os primeiros~~
 de repetição de outros.

Di. ^{em} ~~Di.~~
 em ^{em} ~~em~~

parte de ^{em} ~~parte de~~
 em ^{em} ~~em~~
 de ^{em} ~~de~~
 de ^{em} ~~de~~
 de ^{em} ~~de~~

"É coisa rara que todo um povo se reunia por
atenção numa vida. É coisa mais rara em gentes dispersas
e dispersas, sem contato, por um mundo infinito e
tenso, que até aos seus braços longínquos vibre ressonância
esse hino de louvor ao grande homem."

Escalhei estas palavras de José Ribbens para este
o (uma página escrita sobre o grande homem que
je (e)pi (u) reunia neste certamen, por ser o
gratuito

~~Três dias de trabalho em
muitos outros que José Ribbens amecora o seu lu
particularmente neste domínio de trabalho, e que
vindo desta república de soleneitas. São em todo
grupos que os países estão por os países de
com a obra que dá a existência que se dá
trabalho de trabalho e trabalho e trabalho
por o seu grande trabalho. Trabalho de trabalho.
Trabalho como trabalho de trabalho.~~

~~Primeiro trabalho, um hino, sempre em todo
trabalho e trabalho e trabalho e trabalho de
entusiasmo, trabalho e trabalho e trabalho e trabalho
e trabalho e trabalho e trabalho e trabalho de trabalho de trabalho
e trabalho e trabalho e trabalho e trabalho e trabalho de trabalho de trabalho
trabalho e trabalho e trabalho e trabalho e trabalho de trabalho de trabalho~~

Quilçun
O velho a Lançador Freixo

Luza / meu ~~sois~~ ^{sois} do meu ~~lar~~ ^{lar} ~~este~~ ^{este} ~~partido~~ ^{partido}
pelos ~~travos~~ ^{travos} ~~gigantes~~ ^{gigantes} de ~~de~~ ^{de} ~~ac~~ ^{ac} ~~gigantes~~ ^{gigantes}

Indem ~~suas~~ ^{suas} meu ~~de~~ ^{de} ~~viva~~ ^{viva} ~~história~~ ^{história}
com ~~de~~ ^{de} ~~for~~ ^{for} ~~na~~ ^{na} ~~trava~~ ^{trava} ~~e~~ ^e ~~políticos~~ ^{políticos} ~~de~~ ^{de} ~~um~~ ^{um}
a ~~os~~ ^{os} ~~realizar~~ ^{realizar}, ~~realizar~~ ^{realizar} ~~e~~ ^e ~~sempre~~ ^{sempre} ~~benéfico~~ ^{benéfico}, ~~do~~ ^{do},
~~de~~ ^{de} ~~viva~~ ^{viva} ~~o~~ ^o ~~vivo~~ ^{vivo} ~~de~~ ^{de} ~~história~~ ^{história}, ~~que~~ ^{que} ~~e~~ ^e ~~viva~~ ^{viva}
~~de~~ ^{de} ~~grande~~ ^{grande} ~~patrimônio~~ ^{patrimônio} ~~em~~ ^{em} ~~história~~ ^{história} ~~viva~~ ^{viva}, ~~se~~ ^{se} ~~confiar~~ ^{confiar}
com ~~a~~ ^a ~~história~~ ^{história} ~~história~~ ^{história}, ~~foi~~ ^{foi} ~~de~~ ^{de} ~~de~~ ^{de} ~~história~~ ^{história}
foi ~~a~~ ^a ~~meu~~ ^{meu} ~~em~~ ^{em} ~~no~~ ^{no} ~~assemble~~ ^{assemble} ~~de~~ ^{de} ~~história~~ ^{história}
os ~~eventos~~ ^{eventos} ~~maxim~~ ^{maxim}

Leituras pessoais

Entre u seu Miguel Ângelo, depois de de os
últimos artigos u seu ^{pai} Moisés, se puder interessado
diante do papel de ote, Que padre o seu a
seus idealizar e os seus papéis ^{meus} desentor
a qual ^{meu} ^o ^{de} ^{arte}?

Estou certo de que esse ^{meu} ^{padre} ^o ^{de} ^{arte}
se ^o ^{de} ^{arte} ^o ^{de} ^{arte} ^o ^{de} ^{arte}
você ^o ^{de} ^{arte} ^o ^{de} ^{arte} ^o ^{de} ^{arte}
seu. Transcorridos anos, ^o ^{de} ^{arte} ^o ^{de} ^{arte}
os alunos, e ^o ^{de} ^{arte} ^o ^{de} ^{arte} ^o ^{de} ^{arte}
confiança a ^o ^{de} ^{arte} ^o ^{de} ^{arte} ^o ^{de} ^{arte}
^o ^{de} ^{arte} ^o ^{de} ^{arte} ^o ^{de} ^{arte} ^o ^{de} ^{arte}
então, ^o ^{de} ^{arte} ^o ^{de} ^{arte} ^o ^{de} ^{arte} ^o ^{de} ^{arte}
se ^o ^{de} ^{arte} ^o ^{de} ^{arte} ^o ^{de} ^{arte} ^o ^{de} ^{arte}
e ^o ^{de} ^{arte} ^o ^{de} ^{arte} ^o ^{de} ^{arte} ^o ^{de} ^{arte}
petundo ^o ^{de} ^{arte} ^o ^{de} ^{arte} ^o ^{de} ^{arte} ^o ^{de} ^{arte}
a ^o ^{de} ^{arte} ^o ^{de} ^{arte} ^o ^{de} ^{arte} ^o ^{de} ^{arte}
elevando o ^o ^{de} ^{arte} ^o ^{de} ^{arte} ^o ^{de} ^{arte} ^o ^{de} ^{arte}
finais o Brasil. Este a ^o ^{de} ^{arte} ^o ^{de} ^{arte} ^o ^{de} ^{arte}
seus ^o ^{de} ^{arte} ^o ^{de} ^{arte} ^o ^{de} ^{arte} ^o ^{de} ^{arte}
na ^o ^{de} ^{arte} ^o ^{de} ^{arte} ^o ^{de} ^{arte} ^o ^{de} ^{arte}
então e os ^o ^{de} ^{arte} ^o ^{de} ^{arte} ^o ^{de} ^{arte} ^o ^{de} ^{arte}
^o ^{de} ^{arte} ^o ^{de} ^{arte} ^o ^{de} ^{arte} ^o ^{de} ^{arte} ^o ^{de} ^{arte}
pela ^o ^{de} ^{arte} ^o ^{de} ^{arte} ^o ^{de} ^{arte} ^o ^{de} ^{arte} ^o ^{de} ^{arte}

O que se tem feito, neste tempo, por
 aqui, pouco mais do que o que se tem
 feito em outros pontos, mas, por aqui, as
 coisas não estão muito boas, e a realidade
 é muito triste. O governo não tem
 feito nada para melhorar a situação,
 e a falta de escolas é uma grande
 deficiência. Sr. Cel. Sampaio de Abreu
 e Sr. Lira, devem sentir-se muito
 preocupados com a situação das
 coisas aqui, e com a falta de
 recursos para melhorar a situação.
 O Sr. Sampaio de Abreu e Sr. Lira
 devem sentir-se muito preocupados
 com a situação das coisas aqui,
 e com a falta de recursos para
 melhorar a situação. O Sr. Sampaio
 de Abreu e Sr. Lira devem sentir-se
 muito preocupados com a situação
 das coisas aqui, e com a falta de
 recursos para melhorar a situação.

V. Ex.
 Antônio

edifício, que é o grupo
 de edifícios.

No podera, em mes a splendor de
 volencia, d'isso em dilencia a cubra
 seu e Secretaria de Vias e Obras Publicas
 a tres de seu titular, Dr. Paul de Almeida
 Santos e de seu oporou auxiliar, Dr.
 Arroz Leis, ve pertada e post
 seu d'isso. No em f'undo, M' f'undo
 escolha f'undo, imp'edidos e ji a
 a d'isso e de duas f'undo. Este, und.
 meus de 5 de seus imp'edidos no
 f'undo mes. A. S. Ex., pertada,
 f'undo f'undo. de m'ito Secretaria.

Com a Rep

Cui f'undo e mes f'undo. Sabi f'undo e
 o f'undo. Edmundo de M'undo f'undo e f'undo? No
 d'isso seu e f'undo e f'undo a d'isso
 Pedrudo P, f'undo f'undo ji f'undo e f'undo f'undo
 f'undo f'undo f'undo, f'undo f'undo f'undo
 de f'undo f'undo f'undo. M' f'undo. A. S. Ex. de f'undo
 f'undo a f'undo f'undo

atendendo a situações particulares, de vários cor-
poreos vivos, nome por seu J. Ho., ^{o Sr. Cel. Edmundo}
de Sotelo de Almeida Soares e Silva, substituiu o nome
de "Pimenta Isabel", seu filho deido a esta grupo
Escola, pelo de António Cardoso Fortes, no programa
à "Redenção dos Escravos", no Brasil ^{particularmente}
pelo nome de José ^{homageado} - ^{ele se fez} ^{aquele}
de outros e mais subidos, era gratos dos parentes
- mas simplesmente por ^{J. E. x.} ^{aquele} ^{aquele}
oportuna ^{por} ^{partir} ^{um} ^{testamento} ^{público} ^{de} ^{an-}
dava à memória de grande ^{testamento} ^{político} ^{que} ^{foi}
António Cardoso Fortes. ^{de gratidão}

Em isto, rogando Ele ^{uma} ^{matéria} ^{de} ^{vida}
de ^{arte} ^{para} ^o ^{seu} ^{caso} ^{com} ^a ^{família} ^{de} ^{clerical} ^{que}
e ^{reparou} ^{para} ^o ^{seu} ^{caso} ^{em} ^{relação} ^{com} ^o ^{seu} ^{caso}
tuberculose, ^{uma} ^{condição} ^{de} ^{vida} ^{de} ^{vida} ^{de} ^{vida}
^{hoje} ^{se} ^{trata} ^{de} ^o ^{caso} ^{de} ^o ^{seu} ^{caso} ^{de} ^{vida} ^{de} ^{vida}
ou ^{outra} ^{coisa} ^a ^{então} ^o ^{seu} ^{caso} ^{de} ^{vida} ^{de} ^{vida}
grande ^{municipal} ^{hoje} ^{está} ^{em} ^{vida}.

É ^{então} ^{atendendo} ^a ^{memória} ^{de} ^{seus} ^{casos} ^{de} ^{vida}
for ^{seu} ^o ^{seu} ^{caso} ^{de} ^{vida} ^{de} ^{vida} ^{de} ^{vida} ^{de} ^{vida}
em ^{António} ^{Cardoso} ^{Fortes} ^{que} ^{seu} ^{caso} ^{de} ^{vida} ^{de} ^{vida}
e ^{que} ^{seu} ^{caso} ^{de} ^{vida} ^{de} ^{vida} ^{de} ^{vida} ^{de} ^{vida}
de ^{avós} ^{de} ^{seu} ^{caso} ^{de} ^{vida} ^{de} ^{vida} ^{de} ^{vida} ^{de} ^{vida}
foi."

Após a ^{de} ^{vida} ^{de} ^{vida} ^{de} ^{vida} ^{de} ^{vida} ^{de} ^{vida}
metáfora, ^{de} ^{vida} ^{de} ^{vida} ^{de} ^{vida} ^{de} ^{vida} ^{de} ^{vida}
e ^é ^o ^{caso} ^{de} ^{vida} ^{de} ^{vida} ^{de} ^{vida} ^{de} ^{vida}
seu ^{caso} ^{de} ^{vida} ^{de} ^{vida} ^{de} ^{vida} ^{de} ^{vida} ^{de} ^{vida}
e ^{que} ^{seu} ^{caso} ^{de} ^{vida} ^{de} ^{vida} ^{de} ^{vida} ^{de} ^{vida}

Nenhuma ^{condição} ^{de} ^{vida} ^{de} ^{vida} ^{de} ^{vida} ^{de} ^{vida}
de ^{classe} ^{de} ^{vida} ^{de} ^{vida} ^{de} ^{vida} ^{de} ^{vida} ^{de} ^{vida}
e ^{podem} ^{aparecer} ^{em} ^{seus} ^{casos} ^{de} ^{vida} ^{de} ^{vida} ^{de} ^{vida}
de ^{seu} ^{caso} ^{de} ^{vida} ^{de} ^{vida} ^{de} ^{vida} ^{de} ^{vida}

e tuitoy, amon e eulteen passu tu Petropolis.

básica de um país, que nasceu sob o tipo de Cruz,
aprendeu os primeiros rudimentos das ciências, os sons
dos filhos de S. Inácio e foi primeira, após
de todos, católica.

Educar não é apenas preparar o homem
para uma vida material e acadêmica feliz. A
felicidade verdadeira não pode consistir somente,
como foi a moral edonista, na posse dos prazeres
físicos ou na satisfação dos desejos materiais.
Se, por um lado, o coração humano anseia
pela felicidade, por outro, essa felicidade por si só
presupõe ^{contato} ~~sucesso~~, pois a existência é completa,
como 'desejo, in tena, onde tudo é instável
e transitório. Um indivíduo poderá atingir a
predecessora feliz, até o ápice da ^{realização} ~~realização~~
da vida? O reino de Deus nos revela a natureza
de sentir, nos traz o homem em condições
coerentes? Ou, portanto, a felicidade completa por ser
sua alma aspira?

A rigor está em S. Agostinho, a quem
seu o seu coração estava inquieto, escreve
na resposta ao seu filho de seu leito: Inquietum
est cor nostrum donec requiescat in te. Só Deus
pode proporcionar ao homem essa felicidade
total e perfeita, que é a sua obsessão de todos
os momentos.

Qualquer pedagogo, ^{portanto,} quer que não se
tenha em Deus o supremo ideal de obra educa-
tiva. Deste, com a sua permanente atividade, um pedagogo
educador patético: "A educação deve orientar-se para Deus
com duplo sentido. Primeiro, vendo no seu supremo o
ideal de profeta, ao qual aspira a alcançar o homem

Curios, um Agony, um Social e um Partem fo
sam profundamente dantes?

Ninguém se apresenta mais de ver
dade, em Suatafago, quando a prona que
o domem e um "animal religioso."

Cempe, pitub, luter entre em veia
de vitor antes, que nada que um tra
além das faladas naturais deste mundo,
mas luter sem tréguas, numa ^{meditação} ~~gracia~~ unjeda
santa. Dentro do lar, na escola, na praça pública,
na tribuna popular ou do parlamento, nos acad
mias, em toda parte, enfim, onde o vosso braço
pode ser usado, oferecamos combates a todos os
sistemas ^{de doutrina} materialistas, positivistas, agnosticismos, he
ceticismos, positivismo, ou seja entre uma tal
que, ajeitamos verdadeiros fundamentos e ~~conceitos~~
com os, e que por um o have a curial in
finito.

Falei de solo de fubert, ^{de novo, * (vrt)} ^{Depois} ^{de} ^{uma} ^{vez} ^{em} ^{uma} ^{vez}
que ^{apela} ~~seu~~ incumbido ^{de} ^{um} ^{grande} ^{papel} ^o ^{meu}
relascanti ^{entanto,} ^{no} ^{seu} ^{curso} ^{de} ^{educação} ^{de} ^{ciência} ^{gostaria}
partida ^{no} ^{podia} ^{ficar} ^{estranha} ^{de} ^{ideias} ^{que} ^{antes} ^{de} ^{seu} ^{relascanti}
~~que~~ ^{de} ^{seu} ^{curso} ^{de} ^{educação} ^{de} ^{ciência} ^{gostaria}
e ^{dentro} ^{de} ^{um} ^{certo} ^{tempo} ^{de} ^{seu} ^{curso} ^{de} ^{educação} ^{de} ^{ciência} ^{gostaria}
dicação ^{por} ^{um} ^{certo} ^{tempo} ^{de} ^{seu} ^{curso} ^{de} ^{educação} ^{de} ^{ciência} ^{gostaria}
farsa, ^{de} ^{seu} ^{curso} ^{de} ^{educação} ^{de} ^{ciência} ^{gostaria}
~~sendo~~ ^{de} ^{seu} ^{curso} ^{de} ^{educação} ^{de} ^{ciência} ^{gostaria}
a ^{partida} ^{de} ^{seu} ^{curso} ^{de} ^{educação} ^{de} ^{ciência} ^{gostaria}
^{Julian} ^{algum} ^{dos} ^{seus} ^{trabalhos} ^{pedagogicos} ^{de} ^{seu} ^{curso} ^{de} ^{educação} ^{de} ^{ciência} ^{gostaria}
a ^{seu} ^{curso} ^{de} ^{educação} ^{de} ^{ciência} ^{gostaria}
~~de~~ ^{de} ^{seu} ^{curso} ^{de} ^{educação} ^{de} ^{ciência} ^{gostaria}
ra ^{no} ^{seu} ^{curso} ^{de} ^{educação} ^{de} ^{ciência} ^{gostaria}
car ^{religioso} ^a ^{tudo} ^o ^{que} ^{se} ^{de} ^{seu} ^{curso} ^{de} ^{educação} ^{de} ^{ciência} ^{gostaria}
~~de~~ ^{de} ^{seu} ^{curso} ^{de} ^{educação} ^{de} ^{ciência} ^{gostaria}

* Primeiro, por ser o primeiro dia ^{depois} da semana,
é a solenidade de instalação de um novo governo
belicemente secular.

(2)

dis, ce năd ședrems parintu în miua de antze,
modma.

O water



GABINETE DO SECRETÁRIO

ESTADO DO RIO DE JANEIRO 3
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA

Niterói, de de 194

Se depois do modo original foi imposto
as honras, como condições de vida, o trabalho,
foy-se mister que se proporcionasse a ciência
pós-gradua e renovação, para que possa desenvolver
votar as suas energias latentes.

Foi certamente compreendendo isso que o
dinâmico Prefeito desta cidade, em boa hora,
edificou esse play-ground, que, de
avante, há de servir nos termos de re-
gula à cidade. Este terre, com seu
bem de mais, eficiente para adquirir
os seus imprescindíveis às grandes
necessidades de futuro.

Permitendo, quem apresenta ao Dr.
Vitor Breves por esse brilhante iniciati-
va em prol de saúde e robustez de
infância desta mental do Estado, os aplau-
sos e as felicitações do próprio flum-
inense.



GABINETE
DO SECRETÁRIO

ESTADO DO RIO DE JANEIRO

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA

(2)

Niterói,

de

de 194

os traços dos métodos de ensino seu melhor
quadro em a inteligência infantil. A biolo-
gia e a psicologia pertencem o seu concurso
inestimável às pesquisas que entre os
fazem.

Entre os grandes nomes dessa escola
da magnífica, devem citar-se os nomes
avulsos de seu Pestalozzi, seu Froebel,
seu Horbart e uma Montessori, por só
mencionar os principais. Esta grande, em Ri-
me, a Casa de Bombini - a casa dos segun-
dários, instituições modelares que devem servir
de exemplo a todas as escolas ult.
De todos os estudos, concluiu-se que
é necessário resolver a personalidade de
educação e por ele que é para o adulto
seu ministério, como se acredita no período
mas em de a parte, seu deve ter o
seu ambiente e o seu modo próprio de vi-
ver.



GABINETE
DO SECRETÁRIO

ESTADO DO RIO DE JANEIRO

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA

Niterói, de de 194

Nas sessões extra-ordinárias a quem se prescreve em
estudar as tendências predominantes na espécie
humana que o século atual é o século
da ciência.

O positivismo reabilitou a mulher, tirou-
do-a da sua condição de escravo, para re-
colocá-la no seu justo lugar, no seio de famí-
lia, como mãe, esposa e companheira do homem.

A revolução francesa reentrou ao homem,
qualquer que ele seja, o direito de ser livre
em todas as manifestações de sua vida,
assegurando-lhe uma posição de equilíbrio
e igualdade no meio da comunidade hu-
mana.

Mas a ciência só começou a ser objeto
da atenção geral no alvorecer do século pas-
sado. A partir de então, os princípios para-
ram penetrar-lhe a alma, para suspendê-
la em suas livres manifestações e tenden-
cias, a fim de orientá-la para o seu verdadeiro
destino. Pedagogos ilustres expressaram por des-

interesse abstracto desta, para só se levar em conta a gramática em si, como disciplina bastante, com finalidades próprias, independentes.

Não interessava o fato real, vivo, palpável, o que importava, era o fato como devia ser, ou melhor, como a gramática julgava que devia ser, e é por isso que ela ditava as suas normas.

Esses estados de coisa favoreceram a opinião de Louchard e de outros, para que em a gramática se reunisse a seus capítulos de Lógica, subordinação da linguagem às operações, às mesmas pessoas e às mesmas metódes.

Malgrado os méritos nos países dos desfeitos, entretanto essa gramática nada entrava, com fim de servir. É a época famigerada das gramáticas filológicas, que faziam gemer os pobres inutilmente e cada um à roda a cabeça dos miseros estudantes.

Os gramáticos de então não haviam chegado a compreender a grande verdade, a luminosa verdade, que depois Ferdinand Brunot assim resumiu admiravelmente: "É impossível reunir num frase justa os empregos múltiplos de uma forma de linguagem".

Qualquer que seja a desgracia gramatical é, por natureza, vaga, incompleta ou errônea, e a razão dá-nos-la Sauguet: "porque a função e a forma da palavra nas coisas essencialmente móveis e cambiantes como a vida, deslizando através dos malhos mais curtos de Teia, nada queramos encará-la".

Essa gramática que nasce de círculo, como Platonos da cabeça de Júpiter, inútil, completa, viva, foi a que principalmente se impoem em França,

zia intencional mas lhe pedava a independencia ou o de-
ligar memórias.

Alguns estudos como ministrado, mas se po-
deriam tirar grandes vantagens. Não sou acontente que o tempo
e força desperdiçada nesse estudo, se anulava inteiramente, por-
que, no momento preciso, em que o aluno fazia rapêlo à
memória, fugia-lhe a reprodução, consubstancial ao caso, e o
resultado se havia um divorcio entre seus princípios
hauridos a priori e a única realidade viva que é a
língua.

Hoje há talvez alguma razão na crítica
de Polentini, mas a verdade é o que o seu espírito
alguma vez devia ter, para se mostrar tão revoltado
contra os processos de ensino então em voga:

"Entre o jota e o i romanos,
"que diferença se achasse
"matalluca havia um erro,
"— ora que se ele acabasse
"feliz do gênero humano!"

Um método, tão contrário à realidade do
fator linguístico, apriorístico, irracional, predominantemente, infelizmente,
desenvolvido muito tempo nos estudos europeus. Não se devia, por-
tanto, que firmam ^{tal} ~~o~~ ^{tal} o ensino de gramática
de pedantaria "com que — as palavras, textuais — se pertor-
ta o livre desenvolvimento da faculdade de falar e se
descreve a formação (arbitrária) da Natureza que nos dá o
uso da palavra com o leite materno e que se a
desenvolve ao ler."

Em a inversão de valores no espaço:
primeiro a formação, depois a língua, quando não se faz

mais argutas tradições da cultura, em suma, considero e
trabalho já nossa literatura, essa pleiade fulgurante de
escritores de que Gonçalves ^{pi} é, entre nós, o mais elevado ex-
ponente.

Se nos é propósito não anular todos
os valores culturais, de que tanto nos orgulhamos, urge, por
consequente, seguir-lhe nos pegados, cultivando a língua portu-
guesa com o mesmo afeto, o mesmo entusiasmo dos nossos
antepassados ilustres.

Sempre que estudamos alguma língua, para
nos atermos dela, em nossa relação, temos como principal obje-
tivo manjá-la bem. Destarte, se nossa preocupação, nesta matéria,
existe em saber o que é certo, para praticarmos, e o que
é errado, para evitarmos. Isto importa dizer que precisamos ter
as noções do que é certo.

Esta noção, a disciplina que nos-la ensi-
na, é a Gramática. Urge, por conseguinte, continuarmos a gra-
mática.

Tal como na ensinada outrora, com summa in-
tensificação operada, sem fundamentação nos fatos da linguagem,
abastada de regrinhas, restada de exceções, a disciplina
gramatical não tinha atractivos e, se não despertava lo-
go, no estudante, alguma reacção antipática, deixava-o, na sua
parte da vida, num estado de quasi indiferença.

Assim se explica a ^{juízo, primitiva} ~~história~~ ^{aversão} que as
gacóis passadas faziam dos gramáticos "pega de gente
bem educada no mundo", na opinião do grande poli-
grafo português, Francisco Manoel de Aboal.

Flagelo da mecenagem, os antigos estudantes
e consideravam, com justiça, o mededuro papel de escola. Não
de outro modo a podiam conceber, principalmente porque
ai de quem! que não se sabia os preceitos - a Santa Lu-

ou por pouco apertos nos estudos linguísticos.

A nossa língua é, em verdade, a língua portuguesa, porém mais doce na sua frotilla, mais rica em seu vocabulário, mais maleável e dúctil nas formas expressivas do pensamento.

Não estamos de acordo, a pesar disso, com mestre João Ribeiro, em sua Língua Nacional, livro revolucionário por todo o título, escrito, quem sabe? num desses momentos parajurais de irritação, a que era apeto o seu espírito, contra os dominadores da terra, ao afirmar que ela, no Brasil, era "independente e livre nos seus movimentos".

É dizer demais, porque o ideal linguístico, entre nós, não é esse dialito bostado do asso cabido, em que se os mundistas, "amplo serras, no dizer de Rui Barbosa, onde cabem à larga, desde que o inventaram para sossego dos que não sabem a sua língua, todas as misérias da pobreza, da ignorância e do mau gosto, rótulos americanos daquilo que o grande escritor lusitano tratava por um nome aojalis".

É a prova que o mas é, aí está no Apres, em que temos as obras dos que a reconhecem bem, abeberados nas fontes clássicas, com um Rui Barbosa, um Machado de Assis, um Carlos de Cast.

Não queramos, por um estreito espírito de nacionalismo, e contrariando a ordem literária, escrever em língua nacional uma fala de corte, tal qual se dá no vocabulário, com inchaço e mal sentido, pedat que é de ignorância de quem não conhece o português.

Resumo isto em uma, ou outra, toda em pontos a fim, adjeção a mais

gidas as "Decadas" de Barros, ou os "Seraes" de Vieira, ou ainda em outro momento impercível seu sae "Os Seruados", o mais alto brasao de glria da raa lusa e jz tipificado orgulho de todos os povos que falam o portugus.

No continente americano, para onde o Tranportaram as caravelas, que vinham do "oceano largo", a epa do idioma, regurgitanti de sava, lanou profundas raizes, e frondejou, e produziu frutos literarios, que hoje, sem patristada, podemos considerar de ta boa qualidade, quanto os de alem-mar.

No novo cenrio, deu ela sobejas provas dessa plasticidade, a que me referi alhures, apicando-se ra garganta dos nativos, amoldando-se aos costumes americanos, impregnando-se dos "ora brasileiros", que lhe abraaram as apryas prosodicas, e lhe deuam esta musicalidade caracteristica, ta facil de reconhecer em qualquer entre mil portugueses. Graas ao acento novo que ela adquiriu, em novos meios, de nenhuma modo, sentimos perda a nossa susceptibilidade nativista, ficando a chamamos nova lingua.

Se os primeiros cronistas que aqui vieram dar com os costados, ainda nos falam de crizes indigenas, com o nome idioma que no e nem o nosso, quando appare, no lincio das letras brasileiras, um Joni de Alencor, um Bernardo Jernovas ou um Franklin Terra, toda a divida desaparece, e arigora-n em no a ciencia de que, em se portuguez a lingua que falam, naõ disse tambem de se nome, seu nome.

Na se veja, nada espirito, como se fizesse de se a existencia de uma lingua facta, quiciera que racheu foida no cinto facta de se qual de novo patris, por mal comprendido patristico,

Grande panegirista de sua língua se apri-
ma o alemão, a ponto de um filósofo tedesco haver
proclamado que só nela é possível escrever tão bem
quanto em grego e no latim, malgrado o que de lá
dizem Paul de Saint Victor: "as idéias não circulam,
chafurdam, nêse como idíoma. Comparado ao nosso
(fala do francês) é um pântano junto a uma tor-
rente".

Nas se causa o espantol de gabar
os dons do seu castelhan, intolerável para o ouvi-
do francês, em razão da sua muita "ênfase" e "tur-
gidiz".

Para o italiano, só o seu toscano - idíoma
dell cuore - tem as excelências de língua artística, o
que mais invalida a opinião corrente na Ingra-
terra, ao tempo de Macaulay, de que é na "pátria
unicamente para a loquela piegas dos ministros e figu-
ros de honra".

Até o biceante não se mostra menos
ciato do seu vocábulo, por tal maneira que, na opi-
nião de um mestre indígena, foi o colismo de que se
serviu o Padre Estro para discutir com o primeiro
judeu, isto, no obstante, a anedota referida por Hovelacq,
de que o demônio, tão inteligente e sábio, operou por
sete anos que passou nos Voruzgados, não se avanteja
mais, no seu conhecimento, de que qualquer de nós,
que nunca lhe ouvimos uma palavra.

Para a exaltação da língua que fala
nos, porém, não é mister animarmos-nos à quasi
dite ou da gude escrito, luto ou trillar, basta que
fallem por nós os fatos. Invençamos a regra que
ocorre valor artístico à língua em seu fôco real

alcançando essa admirável plasticidade que lhe permitiu rápida
expansão pelas terras conquistadas.

Não admira, portanto, que, em honra das suas
exceções, muitos ^{lhe} exaltassem ~~o seu~~ ^o predicador, em prosa e ver-
so, desde João de Barros e Pero de Magalhães Gândavo que
lhe dedicaram, em seu louvor, todos em diálogos, até Vi-
linto Elviro, que lhe consagrou todo um poema, com o qual
por Severim de Faria, Ferrera de Vena, Sousa de Macedo, etc.

Rodríguez Lobo, ^{em sua} ^{uma} ^{entusiasmo}, por vezes
ingênuo, descreve todas as qualidades de língua
artística — "é "branda para deliciar, grave para engrandecer, spi-
cuz para mover, doce para persuadir, breve para resolver".
Almeida Garrett, com a autoridade que lhe deu o conhe-
cimento de outros línguas, inclusive o grego e o latim, não
conhecia gênero literário a que "ou por doce de mais,
como o toscano, não seja própria, — ou por muito áspera
e quindada como o castelhano se não adapte, — por
curta como o francês, não chegue, — por inflexível e rí-
pida como o alemão e o inglês, se não amolde."

Podemos, é certo, dizer que todos os povos
exaltam, com o mesmo ardor, o idioma nativo.

Assim, o natural da França não en-
contra belezas e harmonias no seu francês, apesar de
~~mas~~ Schopenhauer tachá-lo de "miserável jargão" que
tem por exclusiva propriedade a repugnante nasal en,
ou, un, assim como o volucante e abominável aunt sobre
a última sílaba."

Para o povo de Lore Albion, é o cifra
o idioma que reúne todos os predicados para a língua
internacional, o que não ^{invalida a opinião de} ~~impede~~ ^{que} ~~uma~~ ~~confusão~~
André Lefèvre, ^{quando o} ~~o~~ acusa de privilégio de deformar fi-
das as gargantas do universo.

lan mal, orgulhosamente mal, com aquele acento chato e falso que denuncia logo o estrangeiro. Na língua verdadeiramente reside a nacionalidade".

Só os povos fortes ou decadentes, mobilizados em sua inércia pela perda das virtudes cívicas, assistem indiferentes, ou impassíveis, aos atentados à sua soberania, ou ao aviltamento de sua língua.

Cultivar o idioma é, por conseguinte, prova de vitalidade ~~de~~ ^{de} ~~uma~~ ^{uma} nação.

Razão plena ^{tem} ~~tem~~ a sãca, ^{as} ~~as~~ senten-
cias: Ubi cumque vidēris orationem corruptam placere, illi mores quoque a recto discivisse non erit dubium. Onde quem que rejes agrada um discurso corrompido, deve ter por certo que ali se prevetram os costumes.

Outra que fôr a língua que falamos, impendia-nos a obrigação de conservá-la estritamente de incorrecção; mas, em se tratando de uma idioma, como o português — "Última flor do Lácio", no dizer do poeta, que se firmou, no solo lusitano, ao entuchocar das armas, e que, apesar de todas as vicissitudes, conserva ainda a fragrância dos élogos de Virgílio, a música das poesias de Horácio e a energia nóbilíssima dos apóstrofos de Cícero — obrigação muito ~~mais~~ ^{maior} ~~forte~~ ^{forte} nos assiste de mantê-lo ^{sempre} digno de suas tradições.

Em seu peregrinar pelas terras lusas, de cidade para cidade, de vila para vila, de aldeia para aldeia, nada perdeu elle das suas qualidades primitivas, e que nos exajero, di-lo o próprio Camões:

"A língua me qual sempre inapen

"Com pouco corrupta eu que é lãoa
Conservando
Nã se alterou a pãstiva gãoa de lãoa

foi além; amplista e
como também / emigraçães, ~~sempre~~, e na pãstiva

do leite, em que a doença o imobilizou, qual outro Iánuar
de Moabite, viaja por mundos desconhecidos, observa usos
costumes, trava relações com outros povos, adquire as ^{suas} lutas e
vencedores, delicia-se com as ^{suas} conquistas, ~~travessa~~ nunca pára,
vive.

Nas palatras mudas que trava com o autor
da obra, esquece o Iánuar a ambição que o envolve, prova
a sua solidão de coisas belas, que lhe dão o encanto
de viver.

Ditos prazeres se vê privados quem mal
sabe ler, ou se o sabe, não desenvolveu suficientemente
o seu espírito, à feição de compreender os verdadeiros
lizes da palavra.

Há outro prazer, igualmente gozado, que o
rapazenta jamais poderá experimentar: é o de escrever.

Quem lê, ouve apenas, não toma parte at-
^{conversa.} na ^{colóquio.} A passividade da audição acaba, muitas vezes, por
provocar em ^{seu} um sentimento de tédio e revolta. Cansado
do ^{porém,} e escrevendo, o que é uma forma de ^{conversa, uma} ~~fala~~ ^{discreta, e}
^{preocupação,} completa-se em ^o ~~seu~~ ^{seu} delite espiritual do covaco, que tem
muita gente o custo a procurar os lugares públicos, ou as
mesas dos café, onde, a par de coisas que distraem, se ouve
também outras, que ^{seem} ^{preferíveis} mas ouvir, ^{como por} exemplos: falar
numa mesa da vida alheia.

Mas não é só sob o prisma do delite que
devemos encarar a necessidade do conhecimento da língua. Há
outro motivo mais poderoso: a língua é o mais forte elo de
nacionalidade.

Esta ordem reconheceu-a e ponderou-a
e o de Iánuar, ^{o que se impõe que o faça} ~~falar~~ ^o ~~seu~~ ^{seu} ~~verbal~~ ^{verbal} ~~do~~ ^{do} ~~seu~~ ^{seu} ~~fala~~
guerra: "Um homem só deve falar, com impecável sequência e pe-
rya, a língua de sua terra: - Todas as outras se dão fe-

não duariam nunca a dar-lhe a impressão de felicidade completa. Faltar-lhe-ia alguma coisa, ~~sem quasi nada fazer~~, porque, de facto, sentisse, em toda a sua plenitude, a alegria de viver.

Assim, a arte constitui algo indispensavel à felicidade humana. Educando as faculdades estéticas, disciplinando os sentidos, ela exalta os instintos superiores, embellecendo e dignificando a vida.

Se é o expo da arte, em geral, que dizer daquela arte especial que, na opiniao de Latino Coelho é "a mais bela, a mais expressiva e a mais difficil".

Quintiliano, que attribua o dom da fala a um presente dos deuses, achava que nenhum outro offiço na mais digno do nome de vélo que a linguagem.

Agora, ariscam-se a não poder apreciar esta arte, deridamente, a gente que menos prezam o estudo do idioma. Bastariam as horas de delicia espiritual, que nos proporciona a palavra falada ou escrita, para nos julgarmos compensados dos cansaios e dos abatimentos que, por ventura, nos amaldiçoam tentativos ou esforços reitrados, ^{dependidos} ~~que dependemos~~ em parte do seu conhecimento, da lingua.

O homem é um ser social, por excelência. Há contingências, entretanto, que o forcem ao isolamento. Como encher, então, as horas vazias da tua velhice, em que ella se torna intratável, ou da solidão contagiosa, em que todos o abandonam? Só um recurso há: o livro.

Folheando as suas páginas, abstrahido do seu conteúdo, ella te esquece da negra realidade que o ameaça, e, dentro das quatro paredes da tua casa, ou que o enclausuram a irritação dos ^{seus olhos} ~~seus olhos~~ ~~seus olhos~~, ou em cima

Quis o Chefe do Departamento de Serviço Público, no Estado do Rio, que fosse em quem, no presente ano, inaugurasse o trabalho letivo do curso que o mesmo Departamento, há já algum tempo, vem mantendo, com o objetivo de melhorar o nível cultural dos funcionários públicos fluminenses.

Não me valeram excusas. S. S. ficou ^{insuficiente} com minhas razões. A conjuência é que aqui estou, ocupando o lugar que, de direito, caberia a outro, não para solicitar a mesma base e o mesmo tratamento que, segundo Vieira, é coisa que se não deve pedir a um auditorio, mas a uma conhecida paciência.

Professor, modesto embora, de língua vernácula, a minha presença passageira, nesta cátedra, vale por uma apresentação antecipada do assunto, que vai ser objeto da presente aula. Em outra matéria, em verdade, poderia versar diante de vós, quem outra preocupação não tem ali agora, na vida, e aqui cá não tem para o futuro, senão o estudo do idioma pátrio?

Os espiritos práticos julgarão talvez malborotado o tempo que se consagra ao conhecimento da língua, quando há tantas ciências, de interesse imediato para o destino humano, que estão a reclamar a nossa atenção.

A isso respondi com a célebre máxima que, à força de ~~me~~ repetida, se vai tornando gasta, mas que, nem por isso, deixa de ser profundamente verdadeira: Non solum pane vivit homo. Não é só de pão que vive o homem.

O mundo apigurar-se-nos-ia num vazio se não fosse o ódio e competição, se todos tivessem o mesmo gosto e as mesmas aspirações. É justamente as diferenças de gosto e das coisas que sustentam o mundo e a vida.

A ciência, em a arte, pedem perfeição.